

## 1

Esta é uma história para se ler na cama, numa casa velha, numa noite de chuva. Os cães dormem e os cavalos de sela — Dombey e Trey — fazem-se ouvir nos estábulos do outro lado da rua suja, para lá do pomar. A chuva é suave e necessária, mas não desesperadamente. Os lençóis de água estão num nível satisfatório, o rio que corre perto está cheio, os jardins e os pomares — estamos num virar de estação — estão convenientemente irrigados. Quase todas as luzes estão apagadas na pequena aldeia perto da cascata onde, antigamente, o moinho produzia riscado de algodão.

As paredes de granito do moinho ainda estão de pé, nas margens do rio largo, e a casa do dono do moinho com as suas quatro colunas coríntias ainda encima o único monte do lugar. Poder-se-ia julgá-la uma aldeia adormecida, sem relações com um mundo em transformação, mas o jornal semanal refere-se com grande frequência a Objectos Voadores Não Identificados, assinalados não só por donas de casa que vêm pendurar a roupa e por desportistas a caçar esquilos, mas também por membros importantes da população, como o vice-presidente do banco e a mulher do chefe da polícia.

Atravessando a aldeia, de norte a sul, é inevitável reparar na quantidade de animados cães, que são, sem excepção, rafeiros,

mas rafeiros com características bem marcadas da sua ascendência e criação cruzadas. Pode-se ver um cão-de-água de pêlo macio, um Airedale com pernas muito curtas, ou um cão que parecia ter começado por ser um Collie e tinha acabado por se tornar um Grand Danois. Estas misturas de sangue — esta frescura de sangue, digamos — tinham-nos tornado um grupo muito vivo e corriam pelas ruas desertas como se estivessem atrasados para uma refeição, entrevista, ou encontro importantes, bastante alheios à solidão de que alguns habitantes pareciam sofrer. A aldeia chamava-se Janice, o nome da primeira mulher do dono do moinho.

Uma das coisas mais extraordinárias acerca desta aldeia e do seu lugar na história é que não tem nenhuma sucursal de empresas de refeições rápidas. Isto não era natural naquela altura e podia levar as pessoas a pensar que a aldeia sofria de algum tipo de desgraça, como uma grande pobreza ou falta de espírito de aventura da parte da sua gente; mas fora simplesmente um erro daqueles computadores sob cuja autoridade são seleccionados os locais para os estabelecimentos de refeições rápidas. Outra peculiaridade histórica do lugar era o facto de as suas grandes mansões, relíquias de outro tempo, não terem sido reconstruídas para servir como casas de saúde para a vasta população de comatosos e moribundos que, sem escrúpulos, eram mantidos vivos por meio de inovações médicas pioneiras.

A norte da aldeia situava-se o Lago de Beasley — uma massa de água profunda, em forma de cotovelo, com margens densamente arborizadas. Aqui havia água e verde e um pintor do século dezanove teria posto em primeiro plano uma linda mulher numa mula, ligeiramente debruçada sobre a criança que tinha nos braços e acompanhada por um homem com um bastão. Isto permitiria ao artista chamar ao quadro *Fuga para o Egipto*, embora tudo o que ele quisesse celebrar fosse o seu prazer desconcertante numa bela paisagem de um dia de Verão.

\* \* \*

Um homem idoso não passa de uma mísera coisa, um casaco esfarrapado sobre uma vara, a não ser que veja a plumagem brilhante de um pássaro chamado coragem — *Cardinalis virginius*, neste caso — e, oh! como o seu coração saltou. Mas o que estava um cardeal a fazer na Rua East 78? Telefonou à filha mais velha, que vivia em Janice, e perguntou se se podia patinar no gelo. A amizade entre eles era uma relação altamente prática, caracterizada principalmente pelo cepticismo. Ela disse que tinha estado muito frio e que não tinha caído neve e que embora não tivesse visto patinadores no lago grande, supunha que estivesse gelado. Ela sabia que os patins dele estavam no sótão juntamente com os desenhos de Piranesi e com a sua coleção de borboletas. Era uma manhã de domingo em fins de Janeiro e ele apanhou um comboio local para a província onde vivia a filha.

Chamava-se Lemuel Sears. Era, como disse, um homem idoso mas ainda não inválido. Não seria preciso ajudá-lo a atravessar a rua. Era suficientemente velho para recordar o tempo em que os horizontes da sua terra eram dominados pelos esplêndidos ulmeiros lacrimosos e cor de vinho, quando quase todas as banheiras em que uma pessoa se metia tinham garras de leão. Era suficientemente velho para recordar a promessa de viagens em dirigível e nunca se esqueceria de ter marchado por uma das cidades principais do Santo Império Romano. Bombardeamentos consecutivos tinham deixado esta grande encruzilhada pouco mais alta que o ombro de um homem. Na catedral arruinada jaziam os mortos por enterrar. Era um belo dia de Verão. Armado com as primitivas espingardas automáticas (M-1), estava pronto para matar o inimigo e defender com a vida as liberdades de expressão, religião e trânsito.

A sua filha beijou-o ao de leve. A relação entre eles era, como digo, céptica mas bastante profunda. Era a filha da sua primeira mulher, a sagrada Amelia. Entregando-lhe os patins, ofereceu-se para o levar de carro ao lago, mas ele preferiu ir a pé. Eram cerca de sete quilómetros e ele ia vestido com um fato completo, colete e um gorro de peles comprado num dos países de Leste

para onde tinha frequentemente viajado em negócios por conta de um fabricante de receptáculos informáticos. Tinha cabelo branco que crescia como erva e a tez queimada de um marinheiro. Era daquela geração e classe que considera os sobretudos uma medida desesperada. Naturalmente tinha luvas. O lago para o qual se dirigia chamava-se Lago de Beasley mas ninguém parecia lembrar-se de quem eram os Beasley. O lago tinha três ou quatro quilómetros de largura se o medissem de ponta a ponta. Apesar de estar gelado e de a temperatura desta tarde de domingo ser suave, só quatro ou cinco patinadores andavam no gelo.

Olhando a cena, Sears pensou em como os pintores holandeses dos séculos dezoito e dezanove tinham monopolizado as cenas de patinagem e que, antes dos valores do mercado artístico se terem tornado caóticos, havia em geral, no fim do leilão de arte, meia dúzia de cenas de patinagem holandesas por vender, encostadas ao bengaleiro, ao lado do cravo que ninguém quis. Brueghel tinha pintado algumas cenas de patinagem mas Sears tinha visto uma destas cenas — um desenho — de um período muito anterior — do século doze, pensou ele — e lembrava-se sempre com deleite de Alan Gardener, o paleontólogo inglês, cuja carreira se fundamentava na tese de que o patim, ou *shate*, visto que apareceu antes de qualquer língua conhecida — tinha dado ao *Homo sapiens*, como caçador, a velocidade que lhe permitiu ultrapassar o homem do Neanderthal na corrida pela supremacia. Isto fora há duzentos mil anos, a maior parte da terra estava coberta de gelo e o *shate* era feito do crânio de pássaros de bico largo. Já muito para o fim da carreira de Alan Gardener foi descoberto que a sua tese era uma invenção, mas Sears considerava a poesia das suas ideias duradoura porque a ligeireza que sentia em patins parecia ter a profundidade de uma experiência ancestral e sempre tinha sido contra qualquer tentativa de defraudar o universo académico.

Calçou os patins e avançou. Para ele isto era tão natural como nadar. Estranhou haver tão poucos patinadores no gelo e abor-

dou uma rapariga. Esta mal atingira a idade núbil, tinha o cabelo escuro e argolas de ouro nas orelhas e levava um taco de hóquei como se fosse um guarda-sol. «Pois é, pois é», disse ela, «mas sabe, há mais de um século que o lago não gelava desta maneira. Há mais de um século que não estava tanto frio sem nevar. Não é divino? Eu adoro, adoro, adoro.» Ele tinha ouvido exactamente esta exclamação da boca de uma amante, há tantos anos que não se lembrava do seu nome nem da cor do seu cabelo nem precisamente de quais eram as acrobacias eróticas que tinham estado a praticar.

Patinou e patinou. O prazer da velocidade parecia, como ela tinha dito, divino. Balouçar ao longo de uma faixa comprida de gelo preto deu a Sears a sensação de regresso a casa. Finalmente, no fim de uma longa e fria viagem, voltava a um lugar onde o seu nome era conhecido e amado, onde as candeias ardiam nos quartos e o fogo ardia na lareira. Parecia a Sears que todos os patinadores se movimentavam no gelo com a feliz convicção de que estavam a voltar para casa. Para muitos deles, incluindo Sears, o lar podia querer dizer um quarto vazio e uma cama vazia, mas balouçar sobre o gelo preto convenceu Sears que ia a caminho de casa. Alguém mais céptico poderia dizer que isto provava como é efémera a nossa ilusão de regresso a casa. Estava um pôr-do-sol de Inverno e neste formidável espectáculo de luz e cor, Sears desapertou os patins e voltou ao seu apartamento na cidade.

Mas no domingo seguinte voltou ao lago e desta vez havia mais pessoas, talvez cinquenta — um número pequeno para uma extensão tão vasta de gelo. Tinha-se improvisado um campo de hóquei e, algures à esquerda, havia uma zona onde quase todos os patinadores pareciam praticantes de patinagem artística; mas a maioria das pessoas, como Sears, apenas andava para cima e para baixo, para cima e para baixo, completamente absorvidas na ilusão de que a ligeireza e a elegância eram suas e que bastava conseguir revelá-las. Sears caiu uma ou duas vezes